

A distinção entre magia natural e magia demoníaca na *Magia naturalis* de Della Porta

Fumikazu Saito

No prefácio da *Magiae naturalis libri XX*¹(1589), o mago napolitano Giambattista della Porta (1535-1615) observa que, embora a sua obra versasse sobre certos procedimentos que possibilitavam realizar coisas extraordinárias, tais prodígios não eram realizados com o auxílio de poderes sobrenaturais. Além disso, procura reforçar a idéia de que nunca escrevera nada que não estivesse dentro dos limites da natureza de modo que, longe de ser um compêndio de bruxaria, a obra refletia as mais sublimes ambições: oferecer aos homens as coisas que até aquele momento permaneceram ocultas no seio da maravilhosa natureza, trazendo-as à luz sem fraude ou ilusão.²

De fato, o propósito central da *Magia naturalis* era o mapeamento da totalidade da natureza e daqueles fenômenos raros e excepcionais que, segundo Della Porta, eram impropriamente chamados "miraculosos".³ Contudo, na medida em que era ciência (*scientia*) do extraordinário, do excepcional e do incomum, a magia

¹ A primeira edição da *Magiae naturalis* é de 1558. Organizada em quatro livros, essa edição serviu de base para a versão amplificada e modificada, com o título de *Magiae naturalis libri XX in quibus scientiarum naturalium divitiae et deliciae demonstrantur*, de 1589.

² G. della Porta, "The Preface to the reader", in *Natural Magick*, p. c (o presente estudo teve por base a versão escrita em latim, *Magiae naturalis libri XX* [1589] e a tradução para a língua inglesa, *Natural Magick* [1658], organizada por Derek J. Price).

³ Vide: F. Saito & M. H. R. Beltran, "A idéia de experiência e o mapeamento dos fenômenos no *Magia naturalis* de Giambattista della Porta (1535-1615): um estudo preliminar", in M. H. R. Beltran & J. L. Goldfarb, orgs., *Ambiente, natureza e cultura na perspectiva da história e da epistemologia da ciência: ciências naturais e suas interfaces. XIV Reunião da Rede de Intercâmbios para História e Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas: Anais*, pp. 59-63.

natural era vista com certas reservas não só pelos tribunais eclesiásticos, mas também por parte da elite intelectual⁴.

Tal controvérsia, entretanto, não era nova. Ela tinha assumido a sua forma mais definitiva no penúltimo decênio do século XV após a publicação da Bula de Inocêncio VIII, *Summis desiderantes affectibus*, de 1484, e da codificação de uma nova concepção demonológica feita por Heinrich Krämer e Jakob Sprenger no *Malleus maleficarum* (1486)⁵. A partir de então, a contestação da opinião religiosa cresceu e ganhou intensidade no decorrer do século XVI. Depois do Concílio de Trento (1545-1563), a Igreja procurou unificar a prática paroquial e propôs um retorno às origens do cristianismo. Assim, por meio de um retorno ao proselitismo com vistas a um magistério universal, a Contra-reforma buscou reforçar a capacidade difusora dos primeiros tempos da Igreja. E aqui é importante ter em conta que a controvérsia em relação à magia natural era essencialmente política e religiosa. Além disso, convém lembrar que o século XVI foi também marcado pela dicotomia entre o sagrado e o secular. Se o mundo tornava-se mais laicizado, a Igreja procurava preservar para si a competência no que dizia respeito aos fenômenos sobrenaturais. Para proteger a fé das superstições da magia sobrenatural, a Igreja condenou todo tipo de atividade mágica como herética⁶.

Mas, no século XVI, não houve uma única tendência a qual se possa chamar de "mágica". De fato, o contexto é muito mais complexo por ter envolvido práticas culturais que se entrelaçaram com as outras tantas religiosas. Assim, ao lado de formas supersticiosas e mais grosseiras de magia, encontravam-se também outras tantas práticas que poderiam ser consideradas representativas de um ritual que procurava controlar as forças da natureza. Entre

⁴ F. A. Yates, *Giordano Bruno e a tradição hermética*, pp. 182-93.

⁵ P. Zambelli, *L'ambigua natura della magia: filosofi, streghe, riti nel Rinascimento*, pp. 125-6.

⁶ Ao contrário da Reforma, a Contra-reforma se propôs não ao retorno à Bíblia, mas ao período de sua formação histórica, ou seja, ao período patrístico; sobre a reforma Tridentina e o Concílio de Trento, vide: E. Cochrane, *Italy 1530-1630*, pp. 107-64.

muitos outros magos que professavam ter conhecimento de certos “segredos” que possibilitavam operar sobre a natureza, encontravam-se também conjuradores, benzedores, bruxos, adivinhos, curandeiros e toda sorte de charlatães.⁷ Desse modo, pode-se dizer que as autoridades religiosas não conseguiram diminuir o apelo à magia. É verdade que, com a reforma Tridentina, a oposição eclesiástica e o empenho em refrear os excessos de devoção em relação a ela foram muito maiores. Contudo, uma mudança de atitude não era muito visível, pois, em certas situações convenientes, o caráter supersticioso era permitido e não só pelos religiosos católicos, mas também pelos protestantes.⁸ Além disso, os efeitos maravilhosos obtidos pela magia fascinavam o leigo e os intelectuais da época de modo que, nesse período, proliferaram não só a literatura mágica e de segredos, mas também as irmandades e as sociedades secretas.⁹

Desse modo, é num ambiente paradoxal como este que deve ser compreendida a distinção entre bruxaria (necromancia ou magia demoníaca) e magia natural estabelecida por Della Porta. Pois, mesmo depois de ter sido chamado duas vezes para depor nos

⁷ Devemos entender a magia no século XVI não só como herdeira da magia medieval, mas também transformação dessa tradição em algo novo; sobre a magia na Idade Média, vide R. Kieckhefer, *Magic in the Middle Ages*; no século XVI, há várias formas de magia além da natural, tais como a cabalística, a cerimonial, a necromântica, entre outras. As diferentes perspectivas de magia podem ser consultadas em F. A. Yates, *Giordano Bruno e a tradição hermética*; *Idem*, *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age*; e C. Webster, *De Paracelso a Newton: la magia en la creación de la ciencia moderna*. Sobre a magia praticada em aldeias e que fazia parte do cotidiano das pessoas comuns, pode ser consultada em K. Thomas, *Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*; e F. Bethencourt, *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*; sobre a crença na bruxaria no século XVI, vide S. Clark, “Inversion, Misrule, and the Meaning of Witchcraft”, *Past and Present*, 87, pp. 98-127.

⁸ Embora a Reforma protestante tenha reafirmado energeticamente a distinção entre magia e religião, que tinha sido diluída pela Igreja medieval, não era possível traçar uma fronteira entre elas; vide K. Thomas, *op. cit.*, pp. 215-33.

⁹ Convém observar que a *Magia naturalis* de Della Porta é resultado das atividades desenvolvidas numa dessas sociedades que era conhecida como “Accademia de’ Secreti”; a esse respeito, vide: M. Gliozzi, “Sulla natura dell’ Accademia de’ Secreti di Giovan Battista Porta”, *Archives internationales d’histoire des sciences*, 12, pp. 536-41. Sobre a literatura mágica e de segredos, vide W. Eamon, *Science and the Secrets of Nature: Books of Secrets in Medieval and Early Modern Culture*, pp. 13-266; *Idem*, “Arcana Disclosed: The Advent of Printing, The Books of Secrets Tradition and the Development of Experimental Science in the Sixteenth Century”, *History of Science*, XXII, pp. 111-50.

tribunais da Inquisição, a *Magia naturalis* (1558) recebeu a chancela para sua publicação¹⁰.

Assim, no prefácio da segunda edição ampliada da *Magia naturalis* (1589), Della Porta protestou contra as pessoas que lhe atribuíram poderes sobrenaturais e insistiu que ele fora injustamente chamado “Bruxo (*Magum veneficum*) e Conjurador”, observando que aquilo que vinha da natureza era abusado pelas superstições. Considerando que não era fácil estabelecer uma clara fronteira entre o bruxo-conjurador e o mago natural, Della Porta procurou então apontar para as fraudes e as imposturas que eram produzidas por aquele. Ou seja, os efeitos extraordinários apresentados pelo bruxo-conjurador eram maravilhosos e miraculosos para o leigo porque este desconhecia suas causas naturais. Desse modo, de acordo com Della Porta era necessário distinguir duas formas de magia:

“Há dois tipos de magia: uma é infame e infeliz porque ela tem a ver com espíritos imundos e consiste em encantamentos e curiosidade perversa, e é chamada bruxaria (*goiteian*), uma arte da qual os doutos e os homens de bem repugnam; ela não é capaz de produzir nenhuma verdade de razão ou de natureza (*essetiae*), estando assentada meramente sobre fantasias e imaginações das quais não deixa nenhum vestígio (...); a outra magia é natural; que os homens sábios realmente admitem e aceitam, e veneram com grande louvor; e não há nada mais estimada, ou considerada melhor, pelos homens cultos”¹¹.

Segundo Della Porta, se a magia encontrasse qualquer vontade na afinidade da Natureza que não fosse suficientemente forte, ela faria suprir tais insuficiências convenientemente por meio do auxílio de vapores e das medidas e das proporções: “como na Agricultura, é a própria Natureza que produz o grão e as ervas, mas é a Arte que os

¹⁰ Em duas ocasiões Della Porta é intimado a depor. Na primeira, provavelmente, quando a sua Accademia dei Segreti foi fechada. Na segunda, provavelmente, quando as obras de fisionomia atraíram a atenção da Inquisição: vide: M. H. Rienstra, “Porta, Giambattista della”, in C. C. Gillespie, org., *Dictionary of Scientific Biography*, Vol 11, pp. 96-7.

¹¹ G. della Porta, *Natural Magick*, I, 2.

prepara e lhes abre caminho”¹². Isso significava que, baseado na compreensão dos processos naturais, das propriedades e das qualidades ocultas por meio das quais era possível operar com a natureza, o mago recorria apenas ao auxílio da Natureza e não a qualquer outro artifício que lhe era exterior (*Magum Naturae ministrum, non artificem vocat*). Desse modo, longe de ser um bruxo que conclamava forças demoníacas, o mago era apenas um zeloso criado (*ministra & sedula famulatur*) da natureza de tal modo que os vários prodígios por ele produzidos não requeriam a intervenção do demônio ou de outras inteligências sobrenaturais.¹³

Com efeito, do ponto de vista causal, os prodígios produzidos pelo mago não eram nem acidentais, nem demoníacos. Eles não eram o resultado fortuito de causas naturais que se combinariam de maneira imprevista e, muito menos, o produto da intervenção do demônio¹⁴. Pelo contrário, eles eram resultados da combinação deliberada das várias causas ou propriedades ocultas que estavam impressas na natureza em geral. Nesse sentido, os efeitos produzidos pelo mago não ultrapassavam os limites da natureza embora a possibilidade de sua produção fosse, de certa maneira alargada; pois o mago era instigado a multiplicar os efeitos por meio da manipulação e da combinação deliberada daquelas causas ou propriedades ocultas¹⁵. Assim, ao professar que as suas intenções e ações eram piedosas na *Magia naturalis*, Della Porta observava que:

“Os homens supersticiosos, profanos e ímpios não têm nada a ver com esta Ciência (*Scientia*); suas portas lhes estão fechadas: não devemos somente julgá-los dignos de serem banidos para fora dessa profissão, mas também para fora das Cidades e do mundo; para

¹² *Ibid.*, I, 2.

¹³ Sobre a distinção entre o sobrenatural e o natural no século XVI, vide: L. Daston, “The Nature of Nature in Early Modern Europe”, *Configurations*, 6, pp. 146-72.

¹⁴ A esse respeito, vide: L. Daston & K. Park, *Wonders and the Order of Nature 1150-1750*, pp. 126-8.

¹⁵ Sobre a idéia de multiplicar os efeitos, vide L. Muraro, *Giambattista Della Porta, mago e scienziato*, p. 26.

serem severamente punidos e totalmente dizimados (...).¹⁶

Mas, convém observar que, a distinção entre as duas formas de magia não procurava apenas apresentar a magia natural como uma ciência (*scientia*) inocente do ponto de vista moral e religioso. Além de um julgamento de caráter axiológico, o mago napolitano estabeleceu também uma distinção epistemológica. Nesse particular, Della Porta parece apontar para o fato de que o que distinguiria a bruxaria da magia natural era a possibilidade da reprodução natural dos efeitos. E aqui é importante notar que cada fenômeno descrito na *Magia naturalis* é um evento singular que só podia ser conhecido através de um viés empírico de investigação, pois os fenômenos raros e excepcionais não podiam ser deduzidos de princípios preestabelecidos, tal como na filosofia natural de índole aristotélica. Isso significa que, para Della Porta, o que importava, de fato, era observar e registrar as diferenças e as semelhanças no comportamento das várias coisas da natureza de modo a estabelecer uma relação de causa e efeito para que o fenômeno pudesse ser reproduzido. Nesse sentido, a experiência assumia um papel importante na demonstração e na elucidação de sua causa natural constante de tal modo que o principal critério parece consistir na reprodução dos efeitos.¹⁷ Critério este que permitia a Della Porta se locomover com mais liberdade no âmbito limitado que era reservado à magia pelas autoridades religiosas, abrindo-lhe, desse modo, a possibilidade de considerar o fundamento natural dos vários prodígios narrados tanto pela tradição literária quanto pela oral. De fato, não se pode deixar de considerar que Della Porta se sentia estimulado não só pela tradição literária, mas também pelas atividades do curandeiro, do médico de aldeia, e por outras práticas relacionadas a

¹⁶ G. della Porta, *Natural Magick*, I, 2.

¹⁷ A esse respeito vide F. Saito & M. H. R. Beltran, “A idéia de experiência e o mapeamento dos fenômenos no *Magia naturalis* de Giambattista della Porta (1535-1615): um estudo preliminar”, in M. H. R. Beltran & J. L. Goldfarb, orgs., *op. cit.*, pp. 59-63.

forças e influências ocultas. Entretanto, o seu interesse por tais procedimentos, há muito tempo estabelecidos e aqueles narrados em sua época, estava relacionado com o seu objetivo de descobrir os fundamentos naturais em que se baseavam de tal modo a enriquecer o repertório da magia natural. Desse modo, não se tratava apenas de erradicar as práticas supersticiosas, pois, com exceção do ritual sacrílego que as acompanhava, o mago napolitano admitia existir um conteúdo de verdade em tais práticas que não deveriam ser colocadas de lado e simplesmente renegadas como superstições. Ao contrário, para ele, o mago deveria acolhê-las e tomá-las como desafio e tarefa de modo a avaliar-lhes o conteúdo de verdade.

Bibliografia

- BELTRAN, M. H. R. & J. L. Goldfarb, orgs. *Ambiente, natureza e cultura na perspectiva da história e da epistemologia da ciência: ciências naturais e suas interfaces. XIV Reunião da Rede de Intercâmbios para História e Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas. Anais*. São Paulo, Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Editora Livraria da Física, 2004 (CDRom).
- BETHENCOURT, F. *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália. Séculos XV-XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- _____. *O imaginário da magia. Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- CLARK, S. "Inversion, Misrule, and the Meaning of Witchcraft". *Past and Present*, 87 (1980): 98-127.
- COCHRANE, E. *Italy 1530-1630*. Londres/Nova Iorque, Longman, 1988.
- DASTON, L. J. "The Nature of Nature in Early Modern Europe". *Configurations*, 6 (1998): 149-72.
- DASTON, L. & K. Park. *Wonders and the Order of Nature: 1150-1750*. Nova Iorque, Zone Books, 2001.

DELLA PORTA, G. *Magiae naturalis libri XX in quibus scientiarum naturalium divitiae et deliciae demonstrantur*. Nápoles, Horatium Salvianum, 1589; microfichas digitalizadas, cortesia CESIMA/PUCSP, 2004.

_____. *Natural Magick*. Londres, Thomas Young & Samuel Speed, 1658; reimpressão fac-similar (org. de D. J. Price). Nova Iorque, Basic Books, 1957.

EAMON, W. "Arcana Disclosed: The Advent of Printing, The Book of Secrets Tradition and the Development of Experimental Science". *History of Science*, 22 (1984): 111-50.

_____. *Science and the Secrets of Nature. Books of Secrets in Medieval and Early Modern Culture*. Princeton/Nova Jérsei, Princeton University Press, 1996.

GILLISPIE, C. C., org., *Dictionary of Scientific Biography*. Nova Iorque, Charles Scribner's son, 1981, 16 vols.

GLIOZZI, M. "Sulla natura dell' "Accademia de' Secreti" di Giovan Battista Porta". *Archives internationales d'histoire des sciences*, 12 (1950): 536-41.

KRAMER, H. & J. Sprenger. *O martelo das feiticeiras*. 11ª ed. Rio de Janeiro, Record/Rosa dos Tempos, 1995.

KIECKHEFER, R. *Magic in the Middle Ages*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

MURARO, L. *Giambattista Della Porta, mago e scienziato*. Milão, Feltrinelli, 1978.

THOMAS, K. *Religião e o declínio da magia. Crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

WEBSTER, C. *De Paracelso a Newton: La magia en la creación de la ciencia moderna*. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.

YATES, F. A. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. São Paulo, Cultrix, 1995.

_____. *The Occult Philosophy in the Elizabethan Age*. Nova Iorque/Londres, Routledge & Kegan Paul, 2003.

ZAMBELLI, P. *L'ambigua natura della magia: filosofi, streghe, riti nel Rinascimento*. Milão, Il Saggiatore, 1991.